



# Impactos do COVID-19 nas metas da Agenda 2030: as bibliotecas universitárias e seus desafios

Impacts of COVID-19 on the 2030 Agenda goals: university libraries and their challenges

**Patrícia Costa**, Universidade Federal do Rio de Janeiro – [patricia1scosta@gmail.com](mailto:patricia1scosta@gmail.com)

## Eixo 6 - O mundo digital: apropriação e desafios

### 1 INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, o mundo tomou conhecimento do rápido avanço da SARS CoV-2, também nomeada de COVID-19, cujo primeiro país a notificar uma infecção foi a China. Rapidamente outros países foram impactados com a chegada da variante do vírus em seus territórios devido ao seu alto grau de contágio e letalidade.

No Brasil, com a crise sanitária e a necessidade de isolamento social, o Ministério da Educação (MEC) tomou algumas medidas com objetivo de diminuir o impacto na educação superior durante a pandemia. De acordo com a portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020, foi oficializada a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais por um período de trinta dias (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020).

Em seguida, uma nova portaria do MEC nº 473, de 12 de maio de 2020, prorrogou por mais 30 dias, e posteriormente através da portaria MEC nº 544, de 16 de junho de 2020, foi autorizado a utilização de plataformas para o ensino remoto até 31 de dezembro de 2020. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PORTARIA Nº544, DE 12 DE JUNHO DE 2020).

Logo as instituições de ensino superior ficaram responsáveis por definir os elementos necessários para substituir os modelos curriculares, além de dispor aos alunos meios para que pudessem acompanhar as atividades acadêmicas ofertadas.

A maioria das universidades públicas aderiu à recomendação do MEC, passando a adotar o modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE) ainda que, da forma que foi imposta, os profissionais não estivessem preparados para aderir às



ferramentas tecnológicas como instrumentos de trabalho em todas as atividades de ensino.

Além dos profissionais, acredita-se que parte dos discentes também tiveram dificuldades para participar das aulas no que tange ao acesso aos recursos tecnológicos, disponibilidade de infraestrutura física e de ambiente dentro de suas residências que propiciem condições adequadas para se concentrar e absorver os ensinamentos transmitidos. Destaca-se que a dificuldade deve ter sido maior principalmente para os que ingressaram nas universidades públicas pelas políticas de ações afirmativas.

A pandemia provocada pelo COVID-19 possivelmente impactou no cumprimento das metas estabelecidas pela Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável no que tange ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4: Educação de qualidade: “Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas as pessoas” (GRUPO DE TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A AGENDA 2030, p. 25).

As bibliotecas universitárias podem ser percebidas como partes engajadas que contribuem para fazer a diferença nas comunidades onde atuam, posto que são definidas como serviços essenciais, uma vez que contribuem para a construção dos pilares das universidades – pesquisa, ensino e extensão (BIBLIOTECAS POR UM MUNDO MELHOR AGENDA 2030, p.4).

Partindo das observações salientadas acima, o principal objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel das bibliotecas universitárias durante a pandemia, visto que seus espaços físicos são instrumentos que contribuem para inclusão dos alunos que ingressaram através das políticas de ações afirmativas. Entendendo que esses espaços contribuem para o cumprimento das metas estabelecidas pela Agenda 2030 no que tange a acessibilidade ao ensino.

Propõe-se refletir sobre a importância dos espaços físicos das bibliotecas universitárias, que deixaram de ser protagonistas para formação do capital humano e cognitivo dos usuários, principalmente para os estudantes oriundos de classes sociais menos favorecidas, bem como as mudanças na forma de atuar, uma vez que a mediação tecnológica imposta pelo isolamento social muda a forma de atuação profissional e também o processo de ensino e aprendizagem.



Para isso, o presente trabalho se divide em reflexões trazidas em três categorias, além desta introdução e das considerações finais. A primeira expõe os avanços no que tange ao acesso ao ensino superior que ocorreram mediante as políticas públicas para atender as metas do milênio e o impacto da pandemia para o cumprimento da Agenda 2030. A segunda apresenta a mudança do papel das bibliotecas ao longo dos séculos. A última seção abrange a infraestrutura social importante para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos que vivem em desvantagem social e a urgência da mediação tecnológica no período pandêmico nas bibliotecas universitárias

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Entendendo que as bibliotecas universitárias são pilares importantes no processo de ensino e aprendizagem e, ainda que a mediação tecnológica tenha contribuído para levar e dar acesso à informação e conhecimento, a ausência dos espaços físicos e toda a sua infraestrutura que foram cerceados da comunidade acadêmica, contribuíram para ampliação da desigualdade e evasão escolar durante a crise sanitária, principalmente para os sujeitos que vivem em situação de desvantagem social.

Assim, o problema levantado nesse artigo está relacionado ao impacto da pandemia do Covid-19 no cumprimento das metas da Agenda 2030, tendo a biblioteca universitária como pilar importante no processo.

## **3 MÉTODO DA PESQUISA**

A pesquisa está respaldada pela perspectiva metodológica documental, uma vez que utiliza dados sobre o reflexo da pandemia nas metas propostas na Agenda 2030, mais especificamente no ODS 4 que trata sobre Educação de qualidade. Tem caráter crítico, visto que busca conectar ideias que convidem o leitor a realizar uma reflexão sobre a importância das bibliotecas universitárias como espaços que complementam a educação formal e o impacto da pandemia do Covid-19 no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos oriundos das classes sociais menos



favorecidas que, possivelmente, foram mais afetados contribuindo para a ampliação da desigualdade social.

#### 4 AS METAS DO MILÊNIO E A AGENDA 2030: IMPACTO DO COVID-19

Na busca por tornar o Brasil um país em crescimento a fim de torná-lo desenvolvido, a Educação em todos os níveis, passa a fazer parte da arena política. No ano 2000 foi aprovada pela ONU a “Declaração do Milênio”, documento que trata de um pacto assinado por 192 países membros da ONU. Nesse documento, constam as “Metas de Desenvolvimento do Milênio” conhecidas também como “Metas do Milênio”, estabelecendo oito metas a serem atingidas pelos países até 2015. Dentre as metas, destacamos a de número dois que tem por objetivo: “atingir a educação básica de qualidade para todos”.

De acordo com Costa (2017), ainda no ano 2000, o Ministério da Educação (MEC) apresentou o documento intitulado “Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do plano nacional de educação”. Essas metas deveriam ser atingidas até o ano de 2016. Dentre as metas, duas das 48 destacam-se no cenário do acesso ao ensino superior, são elas as metas doze e treze, que dizem respectivamente:

**Meta 12:** elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos, assegurada à qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público. **Meta 13:** elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75% (setenta e cinco por cento), sendo, do total, no mínimo, 35% (trinta e cinco por cento) doutores (BRASIL, 2000, p. 13).

Assim, diante desse cenário e, visando atingir as metas do acordo assinado com a ONU, o Governo Federal incentivou a abertura e expansão de Instituições de Ensino Superior (IES) e a implantação de políticas públicas com o objetivo de ampliar o acesso ao ensino superior.

Assim, neste cenário político e econômico, no início dos anos 2000 é adotado o modelo de políticas inclusivas compensatórias, que visam corrigir as lacunas deixadas pelas insuficiências das políticas universalistas:



Quadro 1 - Principais políticas públicas de acesso ao ensino superior

NOME	INSTITUCIONALIZAÇÃO	OBJETIVO
ProUni - Programa Universidade para Todos	Lei nº 11.096, de 13/01/2005	Possibilita reserva de vagas para alunos do ensino público ou que tenham sido bolsistas integrais em colégios particulares com renda familiar de até três salários mínimos.
FIES – Financiamento Estudantil	Lei nº 10.260, de 12/07/2001	Financiar estudantes regularmente matriculados em cursos superiores de graduação com avaliação positiva.
REUNI – Reestruturação e Expansão das Universidades Federais	Decreto nº 6.096, de 24/04/2007	Ampliar não apenas o acesso, mas também a permanência dos ingressantes na educação superior, reduzindo as taxas de evasão nos cursos presenciais de graduação.

Fonte: BRASIL, Ministério da Educação - Secretaria de Educação Superior

As políticas públicas citadas acima contribuíram fortemente para uma mudança do perfil dos alunos universitários das universidades públicas brasileiras, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), pela primeira vez na história, as universidades públicas tiveram mais discentes de cor parda/negros em seus espaços, a saber, 50,3%.

Dando continuidade as metas do milênio, em 2016 entra em vigor a “Agenda 2030: Um plano de ação global para um 2030 sustentável”, novo acordo assinado pelo Brasil que inclui 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas. No que tange a Educação, busca-se que seja inclusiva, equitativa e de qualidade, além da promoção de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas as pessoas.

De acordo com VI Relatório Luz da Sociedade Civil da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável (2022) nenhuma das metas estabelecidas pelo ODS teve avaliação positiva. Algumas estão ameaçadas ou encontram-se em estágio de retrocesso. Ressaltando que com a crise sanitária, teve um aumento na exclusão escolar:

em virtude da dificuldade e desigualdade de acesso à internet e aos equipamentos necessários. Além disso, a alta do desemprego forçou crianças e jovens a ingressarem no mercado de trabalho – no subemprego ou informal, e raramente em trabalhos formais (GRUPO DE TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A AGENDA 2030, p. 26).



Somado a esses fatores, as ações do governo federal contribuíram para impactar ainda mais na evasão escolar durante a pandemia, tais como o veto presidencial à lei que assegura às escolas públicas, docentes e estudantes, acesso à internet<sup>1</sup> e corte no orçamento destinado a Educação, indo contra as metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação.

De acordo com a pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) de responsabilidade de Neri e Osório (2020), referente ao tempo dedicado ao estudo durante a crise sanitária, aponta que estudantes entre 18 a 24 anos dedicaram menos tempo para o ensino durante a pandemia, o que significou uma queda no tempo de estudo de 2,34 para 0,95 horas por dia útil. Entendendo que muitos dos estudantes que compõem essa faixa etária estão cursando o ensino superior, logo, pode-se aferir que estes alunos não conseguiram dedicar-se ao processo educacional durante a pandemia, o que pode impactar na formação, na pesquisa e na produção científica das universidades.

Assim, as bibliotecas universitárias desempenham um papel importante para educação inclusiva, equitativa e de qualidade, uma vez que promovem a integração dos sujeitos oriundos de classes sociais menos favorecidas nas universidades públicas, disponibilizando espaços de estudo, descanso, acesso ao acervo físico e digital, computadores e *internet*, e promovendo acesso à informação e ao conhecimento. Logo as mudanças que ocorreram na sociedade contribuíram para construção das bibliotecas atuais, como podemos ver a seguir.

## **5 AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: BREVE HISTÓRIA DE TRANSFORMAÇÃO**

As bibliotecas já foram vistas como “depósitos de livros”, segundo o entendimento dos gregos. O acesso estava restrito a “uma elite de sábios e de homens que leem, conversam, trabalham e, talvez, ensinam em galerias cobertas e nas salas adjacentes” (JACOB, 2008, p. 45-46). No entanto, esse entendimento de biblioteca mudou muito ao longo dos séculos.

---

<sup>1</sup> Agência Senado. Brasília, 01/06/2022. Em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/01/congresso-derruba-veto-e-confirma-r-3-5-bi-para-internet-de-alunos-e-professores-da-rede-publica>



Os sujeitos que possuem interesse pelas bibliotecas costumam relacioná-las normalmente com os livros, ou seja, com seu papel de salvaguarda do conhecimento, da memória, da conservação e da preservação. Todavia, esses espaços são também frequentados por usuários que contribuem para melhorias tanto no desenvolvimento das coleções como também na estrutura física desses espaços. Essas interações entre o espaço físico e seus intermediários acabam por produzir não apenas o corpo, mas também a alma do conhecimento que vai além do científico (LATOURET, 2008).

As bibliotecas ao longo de sua história desenvolveram funções distintas dentro da realidade social em que estavam inseridas como, por exemplo, “templo do saber” em que o conhecimento produzido era salvaguardado e acessado por sábios desde a Biblioteca de Alexandria onde os primeiros registros eram em papiro.

O advento da *internet* diminuiu barreiras e ampliou o acesso à informação e ao conhecimento. Desse modo, as bibliotecas tiveram que mostrar sua capacidade de transformação e adaptação ao meio, tornando-se um organismo mutante, que está em constante crescimento, acompanhando as mudanças da sociedade, garantindo sua perpetuação e provando sua importância.

As bibliotecas universitárias podem ser entendidas tanto como mediadoras da informação quanto mecanismos sociais que disseminam a informação científica para a sociedade. Desse modo, são vistas pelas instituições que pertencem como serviços essenciais de apoio ao ensino, pesquisa e extensão. São responsáveis pela salvaguarda dos estudos desenvolvidos pela comunidade científica, tendo também a missão de compartilhar conhecimentos e oferecer serviços para os demais entes da sociedade. Cabe ressaltar que, de acordo com os dados da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, 2019), as universidades públicas brasileiras são responsáveis por um pouco mais de 95% da produção científica no país<sup>2</sup>.

As bibliotecas universitárias podem ser entendidas como uma parte importante na produção do conhecimento científico e também na disseminação desse conhecimento para a instrumentalização da população como um todo, uma vez que possuem um papel importante no que se refere à qualificação e validação das

---

<sup>2</sup> De acordo com estudo realizado por Moura (2019), Apesar do não cumprimento da meta referente à aplicação de 2% do PIB no setor da pesquisa, as Universidades públicas são responsáveis pela grande produção de estudos científicos no país.



informações face ao movimento de desinformação sobre o Coronavírus, como por exemplo, divulgando os cuidados que devem ser adotados, bem como medicamentos ou procedimentos respaldados pela ciência.

Os avanços tecnológicos e o crescimento exponencial da internet mudaram a realidade, alterando a rotina tanto de bibliotecas como também de centros de informação, afetando o modo de fazer e disponibilizar informação, onde “as bibliotecas precisam se adaptar para sobreviver” (JESUS, CUNHA; 2021, p. 72). Na pandemia do COVID-19, não foi diferente.

## **6 USO DA TECNOLOGIA E INFRAESTRUTURA SOCIAL DURANTE A PANDEMIA**

As mudanças tecnológicas ao longo dos anos têm contribuído para melhoria nos serviços prestados em diversos setores e não passaram despercebidas pelas bibliotecas. Pode-se constatar o contrário. As tecnologias da informação e comunicação têm estado cada vez mais presentes nas rotinas das bibliotecas, promovendo mudanças nos serviços em diferentes frentes: no desenvolvimento de coleções; na aquisição; catalogação; indexação; no empréstimo e no serviço de referência.

Essas transformações que as bibliotecas passaram ao longo dos séculos fazem com que novos paradigmas sejam assumidos e ganhem novos escopos na sua rotina de trabalho. Para Targino:

As inovações tecnológicas são decisivas na mutabilidade dos paradigmas concernentes à biblioteca, em sua condição de instituição social. E, como inevitável, ao atravessar as várias fases históricas, indo do período medieval à contemporaneidade, a biblioteca assimila a realidade dos diferentes períodos e assume posturas paradigmáticas distintas. (TARGINO, 2010, 42).

A quinta lei de Ranganathan aplica-se nesse contexto de crescimento e transformações provocados por novas ferramentas, novos suportes e atualização que as bibliotecas já vinham se adaptando antes da crise sanitária.

A pandemia afetou diretamente a rotina e os serviços prestados, não só das bibliotecas, mas também dos centros de informação e documentação, fazendo com que tivessem que se adequar à nova realidade, preparando-as para enfrentar os desafios futuros pós COVID-19.



Foi neste cenário de enfrentamento à COVID-19 que a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) mobilizou-se para reunir informações de bibliotecas do mundo inteiro e criar orientações para que as bibliotecas tivessem recursos durante esse período. Para a IFLA:

As bibliotecas de todo o mundo estão enfrentando escolhas difíceis acerca de quais serviços oferecer e de que forma, variando de restrições mínimas até o fechamento total. Estamos cientes de que os próprios governos estão adotando abordagens diferentes, às vezes ordenando o fechamento de todas as instituições, outras vezes indicando que a vida deve continuar normalmente e outros simplesmente deixando as decisões a cargo dos diretores das bibliotecas. (IFLA, 2020. s.p).

Conforme o indicado pela IFLA, as bibliotecas universitárias, as unidades de informação e documentação têm enfrentado cada vez mais desafios com o objetivo de atender não apenas às necessidades informacionais de seus usuários, mas também compreender as mudanças que têm afetado seus pilares de ação: informação, comunicação e conhecimento.

O impacto da pandemia para as bibliotecas universitárias na prestação de serviços acadêmicos e para os usuários que utilizam de seu espaço e acervo físicos significou dois grandes desafios: o primeiro representado pela necessidade de atender as demandas da comunidade científica, auxiliando nas pesquisas em andamento ou novas; o segundo decorrente da urgência em se reinventar diante do isolamento, utilizando o aparato tecnológico para divulgar seus serviços e garantir atendimentos mínimos.

Entendendo que informação e conhecimento são instrumentos de poder e, no caso do COVID-19, contribuem no processo de combate da pandemia, as bibliotecas universitárias podem oferecer grande contribuição para a sociedade, visto que determinados grupos sofrem por falta de acesso à informação, educação, saúde e cultura, que são reflexo da desigualdade social.

Nesse sentido, entende-se também que as bibliotecas são constituídas e constituintes do tripé regente das universidades públicas brasileiras, a saber: ensino, pesquisa e extensão e que as necessidades informacionais do corpo acadêmico não pararam durante a pandemia, pelo contrário, estes serviços intensificaram-se neste período. Posto isso, vale questionar como alguns serviços conseguiram se reinventar



e como os profissionais que atuam nesses espaços estavam capacitados frente à mediação tecnológica.

As bibliotecas universitárias fizeram parte desse grupo que já vinha adotando as tecnologias nos seus serviços e na tentativa de cumprir com o papel de levar informação e conhecimento para além da sua comunidade, buscando meios de compartilhar informações oriundas de especialistas, principalmente através do recurso das mídias sociais.

Os espaços físicos das bibliotecas universitárias cumprem papel que vai além de salvaguardar o conhecimento produzido pela comunidade científica e mediar a informação. Diante da mudança do perfil social dos alunos universitários frente às políticas de acesso, esse espaço passa a ser um instrumento que viabiliza o estudo, o descanso, o acesso à tecnologia, ou seja, um espaço de acolhimento independente da classe social.

Assim, as infraestruturas sociais desempenham papéis diversos e apoiam a construção de diferentes tipos de laços sociais. As bibliotecas e as instituições de educação formal, por exemplo, são espaços que oferecem possibilidades para interações “recorrentes frequentemente programadas e tendem a encorajar relacionamentos mais duradouros” (KLINENBERG, 2018, p. 17).

Klinenberg (2018, p.16) define infraestruturas sociais como “instituições públicas, como bibliotecas, escolas, playgrounds, parques, campos de atletismo e piscinas, são partes vitais da infraestrutura social”. Assim, as infraestruturas sociais podem ser entendidas como instituições e espaços públicos ou privados que moldam a maneira como os sujeitos interagem em determinados territórios, possibilitando acesso à informação, conhecimento e uma melhor construção de relações sociais através de seus espaços de sociabilidade.

Contudo, em decorrência do isolamento social, a demanda de acolhimento físico que as bibliotecas universitárias oferecem como espaços de convivência tanto para construção de laços como para auxiliar no processo de ensino e aprendizado fica impossibilitada de ser atendido, o que faz com que as bibliotecas tenham de reinventar-se para atender usuários durante a pandemia.

O conhecimento e a aprendizagem que decorrem em função da pandemia do Coronavírus são instrumentos para pensar na mudança que a sociedade viverá depois



da crise sanitária. Santos (2020, p. 5), afirma que “a crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas”. Assim, acredita-se que ninguém passará por essa pandemia sem sofrer nenhum dano, seja no campo institucional, educacional ou pessoal. Nesse sentido, as bibliotecas universitárias e universidades deverão ter um novo olhar para os seus usuários, assim como os seus usuários direcionarão novas demandas à biblioteca.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

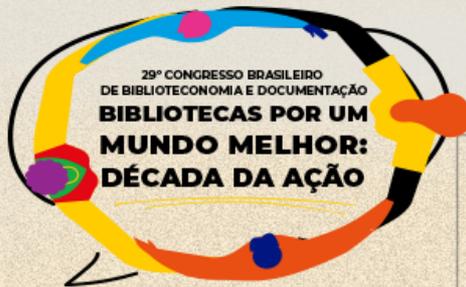
De acordo com o VI Relatório Luz (2022) as metas estabelecidas pela Agenda 2030 não estão no caminho de serem atingidas, “80,35% estão em retrocesso, ameaçadas ou estagnadas no país e 14,28% tiveram progresso insuficiente”.

Mediante ao novo perfil dos alunos das universidades públicas contemplados pelas políticas de ações afirmativas adotadas ao longo dos anos 2000, os espaços físicos das bibliotecas desempenham papel essencial para diminuir a desigualdade entre a comunidade acadêmica, uma vez que possibilita e dá condições de instrumentação para os alunos que vivem em situação de desvantagem social e que precisam de toda infraestrutura necessária para o acesso, permanência e conclusão do ensino superior.

Com o isolamento social e a ausência desses espaços, esses alunos possivelmente foram os mais impactados no processo de ensino e aprendizado. Por essa perspectiva é possível aferir que a pandemia ampliou a desigualdade que vinha sendo minimizada através das políticas públicas no que tange ao acesso dessas minorias ao ensino superior.

A crise sanitária fez com que as bibliotecas universitárias tivessem mais uma vez que se reinventar e modificar sua forma de atuar, mas mantendo o entendimento da importância de seu papel para a construção do conhecimento e na disseminação da informação confiável para a sociedade.

A mediação tecnológica que ganhou força e visibilidade durante a pandemia acarretou um novo cenário tanto para a população como para as instituições, sejam elas públicas ou privadas. Houve uma crescente urgência do uso dos recursos



tecnológicos com o propósito de dar continuidade ao funcionamento dos serviços prestados com o objetivo de impactar da menor forma possível à sociedade.

O papel das bibliotecas universitárias ultrapassa a ideia de detentoras do conhecimento produzido pelas universidades. Elas também são mediadoras da informação e do conhecimento para os usuários. Seu ofício vai bem longe ao oferecer serviços à comunidade acadêmica e a infraestrutura social disponível e acessível, minimizando a desigualdade dentro dos espaços acadêmicos para os alunos oriundos das classes populares e contribuindo para atingir a meta estabelecida pela ODS 4.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm) acesso em 02/08/2021

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 473, de 12 de maio de 2020.** Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/296929006/dou-secao-1-13-05-2020-pg-55>. Acesso em 02/08/2021

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020.** Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872> Acesso em 02/08/2021

COSTA, Patrícia dos Santos. **O perfil leitor dos jovens e adultos que frequentam os cursos pré-vestibulares comunitários:** atuação bibliotecária a favor da educação. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/patricia-dos-santos-costa>. Acesso em: 4 jul. 2022.

FEBAB, “Bibliotecas por um Mundo Melhor - Agenda 2030,” **Repositório** - FEBAB, acesso em 9 de julho de 2022, <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4563>.

GRUPO DE TRABALHO DA SOCIEDADE CIVIL PARA A AGENDA 2030. **VI Relatório Luz da Sociedade Civil Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável Brasil.** Grupo De Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030. 2022. Disponível em: [https://brasilnaagenda2030.files.wordpress.com/2022/07/pt\\_rl\\_2022\\_final\\_web.pdf](https://brasilnaagenda2030.files.wordpress.com/2022/07/pt_rl_2022_final_web.pdf) Acesso em: 06/07/2022

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua:** educação 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf). Acesso em: 16/06/2022



IFLA. **A COVID-19 e o Setor de Bibliotecas em Termos Mundiais**. 2020.

Disponível em: [https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/COVID-19\\_and\\_the\\_global\\_library\\_field-pt.pdf](https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/COVID-19_and_the_global_library_field-pt.pdf). Acesso em: 13 maio. 2022.

JACOB, Chistian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. IN. **O poder das bibliotecas: memórias dos livros no Ocidente**. Direção Marc Baratin e Cristian Jacob. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008

JESUS, Deise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da. As tecnologias para as bibliotecas universitárias: Indicadores e instrumento. In. **Bibliotecas Universitárias: diálogos transatlânticos**. Luiza Baptista Melo e Tatiana Sanches (dir.). Évora: Publicações do Cidehus, 2021. p. 71-93

KLINENBERG, Eric. **Palaces for the People: How Social Infrastructure Can Help Fight Inequality, Polarization, and the Decline of Civic Life**. Estados Unidos: Crows, 2018, 277 p.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. IN. **O poder das bibliotecas: memórias dos livros no Ocidente**. Direção Marc Baratin e Cristian Jacob. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008

MOURA, Mariluce. Universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica do Brasil. IN **Ciência na rua: jornalismo, ciência e humor**. Abr v.11, 2019.

NERI, Marcelo; OSORIO, Manuel Camillo. **O tempo para a escola na pandemia**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2020. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/SLIDES-2pp-FGV-Social-Neri-e-Osorio-Tempo-para-Escola-Pandemia.pdf>. Acesso em: 21/01/2022

RANGANATHAN, S.R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Brique de Lemos, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas? **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.20, n.1, p. 39-48, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/93177> acesso em: 21/01/2022.